

Levantamento de variáveis antecedentes e consequentes que favoreceram a aprendizagem e a manutenção de dificuldades interpessoais em universitários

Survey of antecedent and consequent variables that favored learning and maintenance of interpersonal difficulties in university student

Aline Camacho¹; Edmarcia Manfredin Vila²

Resumo

Muitas pessoas queixam-se de dificuldades em seus relacionamentos interpessoais e da ocorrência de respostas emocionais intensas. A Análise Funcional contribui para operacionalizar os comportamentos em questão, identificando suas condições antecedentes e consequentes, já que a análise das contingências que mantêm essas dificuldades possibilita a modificação das mesmas. Objetivou-se levantar os comportamentos que caracterizavam dificuldades interpessoais de quatro universitários e relacioná-los com as variáveis responsáveis pela aprendizagem e manutenção de tais comportamentos. Foram realizadas quatro entrevistas clínicas individuais, aplicação de Inventário e observação direta. Após a análise funcional, observaram-se dificuldades que envolviam classes de comportamentos ditos passivos e hostis. Dentre as variáveis que influenciaram a aprendizagem desses padrões, notou-se a prevalência de variáveis aversivas, extinção de comportamentos pró-sociais e ambiente pouco diversificado para a modelagem e modelação de comportamentos apropriados e de enfrentamento de situações aversivas. Em relação aos mantenedores, observou-se, de maneira bastante acentuada, a ocorrência de reforçamento negativo (fuga/esquiva de exposição social) e, também, reforçamento positivo.

Palavras-chave: Dificuldades interpessoais. Análise funcional. Universitários.

Abstract

Many people complain about difficulties in their interpersonal relationships and the occurrence of intense emotional responses. Functional Analysis contributes to explaining the behaviors in question, identifying their antecedent and consequent conditions, since the analysis of the contingencies that keep these difficulties makes their modification possible. The purpose of this project was to survey the behaviors that characterized interpersonal difficulties of four university students and relate them to the variables responsible for the learning and maintenance of such behaviors. Four individual clinic interviews, inventory application and direct observation were carried out. After the functional analysis, difficulties were observed that involved classes of behaviors said to be passive and hostile. Amongst the variables that influenced the learning of these patterns, it was noticed the prevalence of hostile variables, extinction of pro-social behaviors and little diverse environment for the modeling and shaping of proper behaviors as well as the facing of hostile situations. As for the maintainers, it was observed in an accentuated way, the occurrence of negative reinforcement (escape/ social exposition avoidance) as well as positive reinforcement.

Key words: Interpersonal difficulties. Functional analysis. University students.

¹ Aluna do 5º ano de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alinecamacho@gmail.com.

² Orientadora de projeto de Iniciação Científica da primeira autora. Especialista em Psicoterapia em Análise do Comportamento e Mestre em Educação Especial. É Professora Assistente do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento do Centro de Ciências Biológicas da UEL e coordenadora do Projeto de Pesquisa “*Construção de repertório interpessoal em grupo com universitários que apresentam padrões comportamentais passivos e hostis: análise dos efeitos dos procedimentos de intervenção*”. E-mail: vila@uel.br.

Introdução

Em um ambiente social, sabe-se que muito é exigido do indivíduo. Ele tem que se adaptar constantemente aos diferentes contextos em que vive, e às diferentes exigências e regras às quais é exposto diariamente, o que exige um ampliado repertório de comportamentos sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999). Entretanto, muitas pessoas se queixam de problemas em seus relacionamentos interpessoais, seja por falta de habilidade em lidar com certas situações sociais ou por comportarem-se de modo ineficiente e inapropriado, não discriminando prováveis comportamentos que se adequam aos diferentes contextos de interação. Desse modo, podem ocorrer situações nas quais a pessoa pode ter os seus comportamentos sociais punidos, ou outras que ela pode punir os comportamentos alheios.

Segundo Skinner (2003), punições freqüentes, inclusive nas interações sociais, geralmente ocasionam respostas emocionais intensas e desagradáveis, além de contribuir para o desenvolvimento e manutenção de respostas operantes como a esquiva de situações sociais. Assim, em contextos diversos de interações as pessoas podem estabelecer contingências que dificultam a emissão de comportamentos considerados “eficazes” socialmente, diminuindo, assim, a probabilidade de obterem reforçadores positivos.

Del Prette e Del Prette (2001a) definem as habilidades sociais como uma classe de comportamentos sociais aprendidos e que compõe o repertório comportamental do indivíduo, possibilitando lidar de modo adequado com as exigências dos diferentes contextos de interação. Sendo assim, classes de habilidades sociais como as de comunicação; civilidade; assertivas, de direito e cidadania; empáticas; de trabalho e de expressão de sentimentos positivos, descritas pelos respectivos autores, são compostas de diferentes subclasses de comportamentos que são exigidos no estabelecimento e manutenção das interações sociais em diversos contextos. Ao avaliar o repertório de

habilidades sociais de um indivíduo, segundo Del Prette et. al. (2004), pode-se focalizar aspectos observáveis e não observáveis do comportamento. Os aspectos observáveis referem-se às classes comportamentais amplas ou molares, como fazer saudações, elogios e críticas, e responder a eles; expressar opiniões e discordâncias; iniciar, manter e encerrar conversações. Deve-se, também, levar em conta os componentes moleculares verbais e não-verbais, como o tom de voz; o contato visual; os gestos; postura; entre outros. Já os aspectos não diretamente observáveis incluem pensamentos, percepções, representações etc., que acompanham o desempenho social. Porém, muitas pessoas não foram expostas a contingências que possibilitaram a aprendizagem e refinamento de um repertório interpessoal eficaz. Esses indivíduos são merecedores de atenção psicológica por serem considerados inábeis socialmente e por normalmente se depararem com dificuldades em seus relacionamentos interpessoais.

É importante salientar, também, que um repertório interpessoal, por si só, não garante que o indivíduo apresente sucesso nos relacionamentos. É preciso que ele apresente um repertório discriminativo refinado, ou seja, que saiba discriminar as contingências que permeiam contextos distintos de interação para que os comportamentos possam ser emitidos e mantidos. Catania (1999), caracteriza discriminação como “... qualquer diferença no responder na presença de estímulos diferentes (...), diferença que resulta de conseqüências diferenciais do responder na presença de estímulos diferentes.” (p.396). Skinner deixa claro como o ambiente social apresenta contingências que provocam mudanças de comportamento: “Um sorriso é ocasião na qual a aproximação social será recebida com aprovação. Franzir o sobrolho é ocasião na qual a mesma aproximação não será bem sucedida.” (2003, p. 120). Desse modo, é de grande importância ao indivíduo discriminar como responder a diferentes situações, já que diferentes contextos sociais requerem a emissão de diferentes classes de habilidades sociais, ou seja, uma resposta

que produz uma consequência reforçadora em determinado ambiente não o faz necessariamente em outro.

Levando em conta o que foi explicitado, a título de avaliação de topografia de comportamento em situações sociais, dois padrões comportamentais distintos podem ser observados ao analisar as dificuldades interpessoais: o padrão de comportamento hostil e o passivo.

Padrões de comportamento: passivo e hostil

Segundo Vila, Silveira e Gongora (2003, p. 63), comportamentos como “aceder, elogiar e concordar pode compor uma mesma classe de respostas, cuja função seria evitar conflitos interpessoais...” que caracterizariam o padrão denominado “passivo”. As mesmas autoras discorrem, também, acerca do comportamento de pessoas que ameaçam, falam em voz alta ou impõem suas opiniões com frequência, levando à remoção de uma condição aversiva (oposição dos outros). Essas seriam as principais classes de respostas do padrão chamado “agressivo” ou “hostil”.

Mas muito além de caracterizar os tipos de padrões, é necessário operacionalizar os comportamentos que os compõem e especificar as contingências às quais as pessoas estão expostas ao enfrentarem dificuldades interpessoais. Vila, Silveira e Gongora (2003) sugerem que fatores como baixa variabilidade comportamental em situações sociais, história de punição de classes de respostas de engajamento em interações sociais – que aumenta o padrão comportamental de fuga/esquiva ou repertório deficiente em tomada de decisões e iniciativa – são de grande importância na análise dos contextos que desenvolvem e mantêm dificuldades interpessoais. Assim, segundo as autoras, princípios de aprendizagem como punição do comportamento de engajar-se em interações sociais, remoção de situações punitivas e obtenção

de reforço positivo estão diretamente relacionadas com o padrão comportamental de passividade. Do mesmo modo, princípios de aprendizagem como reforço positivo (recebimento de *status* e apoio) e negativo (remoção da oposição) do padrão de comportamento de agressividade são também responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção desse padrão comportamental.

Nota-se, nessa descrição, a importância do levantamento das variáveis antecedentes históricas no processo de aprendizagem de dificuldades interpessoais. Apesar de elas não estarem mais presentes na vida do indivíduo, ou seja, por constituírem o conjunto das contingências passadas a que ele foi exposto, é imprescindível que elas sejam identificadas para que possa ser observado como ocorreu a aprendizagem de certos comportamentos que dificultam as interações sociais do indivíduo no momento presente. Conforme aponta Wanchisen (1990), ao trabalhar na clínica, o analista do comportamento constantemente se depara com a dificuldade em mudar padrões comportamentais fortemente estabelecidos no repertório de clientes. Uma das hipóteses pode ser atribuída aos esquemas de reforçamento ao qual o indivíduo foi exposto no passado.

Após abordar conceitos que se relacionam com as dificuldades interpessoais, faz-se necessário salientar que, na Análise do Comportamento, o principal instrumento utilizado é a análise funcional. Por meio dela, é possível conhecer a história de reforçamento do indivíduo, identificar as variáveis antecedentes históricas e atuais, bem como os eventos consequentes que controlam os respectivos comportamentos alvos. Desse modo, então, é possível manipular as contingências para que o indivíduo possa aprender classes de comportamentos alternativos às dificuldades interpessoais, para que possa aumentar a probabilidade da obtenção de reforçadores positivos nas interações sociais estabelecidas em diferentes contextos.

Aplicando a análise funcional

Skinner explicita o cerne da análise funcional quando discorre sobre a noção de causa e efeito:

Uma ‘causa’ torna-se uma mudança em uma variável independente e um ‘efeito’ uma mudança na variável dependente. A velha conexão causa-e-efeito torna-se uma ‘relação funcional’. Os novos termos não sugerem como uma causa seu efeito; eles meramente afirmam que diferentes eventos tendem a ocorrer juntos em uma certa ordem. (2003, p. 23).

Desse modo, salienta-se que a análise funcional possibilita uma análise pormenorizada dessas relações funcionais, ou seja, das contingências responsáveis por um comportamento. Cabe indagar qual a função desse comportamento para aquela pessoa ou a relação funcional entre esse comportamento e seus efeitos, como afirma Matos (1999).

Meyre e Silveiras (2000) explicitam rigorosamente o que deve ser focado nesse tipo de análise na visão de Skinner, ao dizer que “Uma formulação adequada da interação entre um organismo e seu ambiente deve sempre especificar três fatores: (1) a ocasião em que a resposta ocorre, (2) a própria resposta, e (3) as conseqüências reforçadoras. As inter-relações entre elas são as contingências de reforço”. Desse modo, uma análise pertinente a esses princípios abrangeria as condições antecedentes à ocorrência do comportamento, o próprio comportamento e seus eventos conseqüentes.

Matos (1999), também, delimita passos a serem seguidos para a realização adequada de uma análise funcional. Seriam eles: (a) definir o comportamento de interesse, seja por meio de relatos do próprio cliente ou de outras pessoas relacionadas a ele; (b) identificar e descrever seus efeitos, o que supõe, por exemplo, o levantamento da freqüência em que ele ocorre; (c) identificar relações entre as variáveis ambientais e o comportamento de interesse, e entre este e outros comportamentos existentes, o que inclui a descrição de eventos antecedentes e conseqüentes do comportamento; (d) formular predições sobre os

efeitos de manipulações dessas variáveis, (e) por último, testar essas predições.

Com relação à aplicabilidade da análise funcional para o levantamento das variáveis responsáveis pela aprendizagem e manutenção dos comportamentos considerados “inadequados socialmente”, infere-se, primeiramente, que a pessoa não passou por um processo de aprendizagem para o responder apropriado. Pode, ainda, apresentar uma história de aprendizagem bastante pobre ou pode haver poucos reforçadores para manter a resposta apropriada. Mas, como cada indivíduo é singular e os comportamentos são desenvolvidos e controlados por múltiplas contingências, somente após uma análise funcional minuciosa é que se terá a possibilidade de levantar quais variáveis desenvolveram e mantêm o padrão comportamental socialmente inadequado. Ao estabelecer as condições antecedentes e conseqüentes nas qual determinado comportamento ocorre, podem-se identificar as variáveis que o desenvolveram e, principalmente, as que o mantêm. Na visão de Vandenberghe (2002), as queixas com as quais o cliente chega à sessão são comportamentos (muitas vezes de esquiva) e não devem ser entendidos como descrições da real problemática do cliente. Desse modo, somente pela análise funcional e operacionalização de comportamentos, é possível obter dados relevantes para a execução de intervenções clínicas. Assim, é possível promover mudanças em relação às dificuldades interpessoais, decorrentes de determinados comportamentos “ineficazes” que dificultam ao estabelecimento e manutenção sociais ditas “saudáveis e reforçadoras”.

Conforme considerações anteriores, o estabelecimento de uma interação social adequada caracteriza-se em um fator bastante importante para diferentes pessoas em contextos sociais distintos, visto que o ser humano é um ser eminentemente social. Sabe-se também que durante o decorrer do curso de graduação ou em sua vida profissional posterior, os universitários se deparam com inúmeras situações sociais que requerem a emissão

de diferentes habilidades sociais. Pessoas com repertório interpessoal elaborado conseguem lidar melhor com as demandas desses diferentes contextos de interação, em contrapartida, aquelas que apresentam repertório deficitário enfrentam vários problemas, além de vivenciarem respostas emocionais desagradáveis.

Del Prette e Del Prette (2003) realizaram um estudo no qual descreveram a aplicação, o formato e os resultados de um programa de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), com um grupo de universitários, e que teve o objetivo de treinar classes de comportamentos alternativos as dificuldades interpessoais apresentadas antes da intervenção. Os resultados dessa pesquisa indicaram aprendizagem de diferentes classes de habilidades sociais, melhoras nas habilidades de observação e descrição do próprio comportamento, leitura do ambiente social e automonitoria.

É fato que universitários enfrentam diferentes situações interpessoais que requerem a emissão de classes de habilidades sociais distintas no decorrer do curso e na inserção no mercado de trabalho e que muitos deles não possuem um repertório eficaz de habilidades sociais, conforme descrevem Del Prette e Del Prette (2003). O relato desse trabalho é fruto de dados obtidos na execução de um Projeto de Iniciação Científica intitulado: “*Levantamento de variáveis que desenvolveram e mantêm dificuldades interpessoais em universitários*”, que teve o objetivo de investigar prováveis antecedentes históricos e atuais que contribuíram para a aprendizagem das classes de comportamentos que caracterizavam as chamadas dificuldades interpessoais e quais aquelas eram responsáveis pela manutenção (eventos consequentes).

Material e métodos

Participantes

A coleta de dados foi realizada com 4 (quatro) participantes, universitários da Universidade

Estadual de Londrina, que apresentavam queixas de dificuldades interpessoais e estavam inscritos em um projeto de pesquisa denominado: “*Construção de repertório interpessoal em grupo com universitários que apresentam padrões comportamentais passivos e hostis: análise dos efeitos dos procedimentos de intervenção*”, aprovado em Comitê de Ética em 14 de setembro de 2005. As idades variaram entre 18 e 23 anos, sendo 2 (dois) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino.

Local

A coleta de dados foi realizada nas salas de atendimento da Clínica Psicológica do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina.

Instrumento

O Inventário de Habilidades Sociais, *IHS – Del Prette* (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001b), foi utilizado para avaliar o repertório geral de habilidades sociais e para aferir dificuldades interpessoais dos participantes com diferentes interlocutores e em contextos sociais distintos. Trata-se de um instrumento de auto-relato, composto por 38 itens, que descrevem situações de interação social em contextos distintos (trabalho, família, lazer, entre outros), nos quais a pessoa faz uma estimativa da frequência dos comportamentos mais prováveis na interação com diferentes interlocutores (familiares, amigos, autoridade, pessoas estranhas, etc.). A escala contém cinco pontos, variando de: 0 (Nunca ou raramente), 1 (Com pouca frequência), 2 (Com regular frequência), 3 (Muito frequentemente) e 4 (Sempre ou quase sempre). Dependendo dos valores atribuídos pelo respondente, a interpretação das respostas permite avaliar o repertório social através de um escore total que pode caracterizar: a) Repertório Bastante Elaborado de HS; b) Bom Repertório de HS; c) Repertório Médio de HS; d) Repertório Deficitário; e e) Repertório Bastante Deficitário.

O IHS apresenta a estrutura fatorial que agrupa as habilidades sociais em cinco conjuntos: a) Fator 1: Habilidades Sociais de Enfrentamento com risco; b) Fator 2: Habilidades Sociais de Autoafirmação na expressão de afeto positivo; c) Fator 3: Habilidades Sociais de Conversação e desenvoltura social; d) Fator 4: Habilidades Sociais de Autoexposição a desconhecidos e a situações novas; e) Fator 5: Habilidades Sociais de Autocontrole da agressividade em situações aversivas.

Procedimento de coleta de dados

Os participantes foram selecionados aleatoriamente, dentre os que se inscreveram para a participação no projeto de pesquisa citado anteriormente.

Foram realizadas quatro entrevistas individuais com cada participante, e cada sessão teve duração média de uma hora. Na entrevista inicial, foram feitos esclarecimentos adicionais a respeito da execução da pesquisa e solicitou-se aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Esclarecido. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas literalmente.

No decorrer das quatro sessões, realizaram-se:

Entrevista clínica e observação direta para a identificação das dificuldades interpessoais: durante as quatro sessões individuais, foi feito o levantamento das referidas dificuldades e das prováveis variáveis antecedentes e conseqüentes.

Aplicação do Inventário de Habilidades Sociais – IHS Del Prette (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001b): Foi aplicado na primeira sessão individual, para avaliar topograficamente o repertório social dos participantes e contribuir para aferir dificuldades interpessoais na interação com diferentes interlocutores em contextos sociais distintos.

Análise dos dados

Primeiramente, foi feita a análise dos dados do Inventário de Habilidades Sociais, que se deu da seguinte maneira: os dados brutos das fichas de respostas de cada participante foram apurados em termos de escore total (para avaliação da existência de habilidades sociais no repertório e/ou possíveis déficits) e de escores fatoriais (valores atribuídos pelas participantes em diferentes subclasses de habilidades sociais). Conforme orientação do Manual do *IHS Del Prette*, os escores foram transformados em percentis, que permitiram classificar topograficamente o repertório de habilidades sociais de cada participante, de acordo com as cinco faixas definidas pelo inventário, conforme descrição feita anteriormente no item instrumento.

Realizou-se, também, a transcrição literal do conteúdo das entrevistas realizadas com cada participante, a fim de contribuir para a realização da análise funcional.

A contribuição da análise do inventário diz respeito ao fornecimento de dados acerca da topografia de classes de comportamentos sociais, em diferentes contextos de interação, para a identificação de prováveis dificuldades interpessoais de cada participante. O conteúdo das gravações, juntamente com a observação direta, contribuiu, consideravelmente, para a realização da análise funcional dos comportamentos e para o levantamento de prováveis relações de contingências envolvidas.

Resultados e discussão

Para facilitar a visualização, a apresentação dos dados será dividida em descrição das queixas iniciais, aspectos relevantes do histórico de vida; levantamento de dificuldades interpessoais e análise funcional. Em cada tópico, serão apresentados os dados de cada participante, chamados de P1, P2, P3 e P4, respectivamente, para que sejam preservadas suas identidades.

Participante 1 (P1)

Queixas iniciais

A participante em questão é do sexo feminino, tem 22 anos e segue um curso da área biológica. Mora sozinha há dois anos, desde saiu de sua cidade para iniciar a faculdade.

A queixa inicial apresentada pela participante foi de timidez excessiva, dificuldade de se expressar verbalmente e dizer não. Relatou que sempre quis agradar os outros, mas que, depois de um tempo, acabava se irritando com a situação e consigo mesma. Contou que as dificuldades ocorriam em todos os contextos e, principalmente, na interação com sua mãe.

Aspectos relevantes do histórico de vida

Com relação à descrição dos principais antecedentes históricos, a participante cresceu em um ambiente familiar no qual a mãe sempre fazia tudo por ela, como, por exemplo, comprando suas roupas quando era adolescente. Quando a filha não gostava de algo, a mãe ficava irritada, e, segundo o próprio relato verbal da cliente *“dava a impressão que falar esse não, demonstrar que não gostou era totalmente errado”* (sic). Nessa época, P1 sentia muito medo de que sua mãe morresse, ficando muito preocupada todas as vezes que ela saía de casa. A mãe reprovava essa atitude e brigava com a cliente, quando esta demonstrava essa preocupação excessiva.

P1 era *“moleca e brincalhona”* (sic) quando brincava com a família, jeito esse que P1 tinha era bastante punido pelos pais e pela avó. Quando interagia em um outro ambiente era diferente e fechada, como com pessoas de sua rua, escola, ou mesmo a grande família do pai, que era muito controladora. Ficava com medo e *“preocupada se estava fazendo tudo certinho”* (sic). Também não fazia amigos na escola e nem apresentava bom desempenho nas matérias.

O relacionamento com o pai era distante. Porém, aos 14 anos os dois se aproximaram mais quando ele comprou um videogame. Eles ficavam sempre

jogando e conversando, o que mudou a imagem de uma pessoa séria que ela tinha do pai. Nessa época, saiu-se melhor na escola, mas só ia *“de casa pra escola e da escola pra casa”* (sic). Sentia-se triste por isso, como se fosse um *“E.T.”* (sic), mas feliz por estar em casa com a família. A partir desse período, quando começou a se comportar de maneira mais delicada e tímida, a avó a adorava, pois era *“quietinha e bem comportada”* (sic).

Quando estava no colegial, fez algumas amigas e passou a sair um pouco mais, porém sempre tinha vontade de voltar pra casa e ficar sozinha ou com a irmã. De acordo com o relato verbal da cliente, quando entrou para faculdade passou a morar sozinha, tornou-se mais independente e entrou mais em contato com pessoas. Todavia, verbalizou que ainda se acha bastante fechada e que sente medo de magoar as pessoas, de não ser boa em nada e de ser uma péssima profissional.

Levantamento de dificuldades interpessoais e análise funcional

Após a análise dos dados de relatos verbais, obtidos por meios das entrevistas clínicas feitas com a participante, observação direta de comportamentos em sessão e a análise dos dados do Inventário de Habilidades Sociais, pôde-se observar que a participante apresentava dificuldades nas seguintes classes de habilidades sociais: de comunicação; de civilidade; assertivas e de expressão de sentimentos positivos. Também foram observados, durante as sessões, vários comportamentos não-verbais de passividade, como gestos corporais e expressões faciais de timidez, tom de voz baixo. Esses comportamentos provavelmente eram topograficamente similares a classes de comportamentos apresentados pela participante fora da sessão, o que parecia dificultar, consideravelmente, a interação com as pessoas.

Os dados de avaliação do repertório interpessoal de P1, obtidos por meio da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais, estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Percentis e classificação do repertório interpessoal apresentado por P1, na avaliação do *IHS – Del Prette, 2001*, distribuídos de acordo com o escore geral e os escores fatoriais.

Repertório Geral e Escores Fatoriais	Percentil	Classificação
Repertório geral	1	Muito deficitário
F1: Enfrentamento com risco	10	Muito deficitário
F2: Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo	10	Muito deficitário
F3: Conversação e desenvoltura social	<1	Muito deficitário
F4: Auto-exposição a desconhecidos e situações novas	30	Deficitário
F5: Autocontrole da agressividade em situações aversivas	60	Bom

Conforme dados apresentados na Tabela 1, verificam-se déficits, no repertório interpessoal da participante, em todas as classes de habilidades sociais avaliadas pelo IHS, com exceção de autocontrole da agressividade em situações aversivas (percentil 60). Nota-se um rebaixamento mais visível no fator relacionado à conversação e desenvoltura social (percentil menor que 1), corroborando, assim, a queixa inicial de timidez excessiva apresentada pela cliente. Outras áreas que apresentaram significativo rebaixamento envolveram classes de habilidades sociais de enfrentamento com risco e de auto-afirmação na expressão de sentimento positivo (percentil 10). O percentil do escore relacionado ao repertório geral de habilidades sociais apresentado pela participante foi extremamente baixo (percentil menor que 1) e classificado como muito deficitário.

A seguir, são apresentadas, separadamente, as classes de habilidades sociais nas quais a participante apresentava dificuldades.

* **Habilidades Sociais de Comunicação:** com relação a essa classe de comportamentos, pôde-se observar dificuldades em iniciar, manter e encerrar conversação, fazer e responder perguntas e apresentar-se. Essas dificuldades ocorriam principalmente quando P1 estava em uma reunião de amigos, e precisava ir embora, ou quando tinha alguma dúvida em sala de aula. No contexto acadêmico, não fazia questionamentos e preferia sanar suas dúvidas lendo sozinha em casa. Essas classes de comportamentos, provavelmente, eram caracterizadas em comportamentos de fuga/esquiva

de exposição social, que era potencialmente aversiva à cliente.

Após análise funcional, notou-se que a história de vida da participante deve ser levada em conta quando se consideram as variáveis que colaboraram para a aprendizagem e manutenção do padrão comportamental da participante. O ambiente familiar de P1 parece não ter arranjado contingências para que a participante mantivesse interações sociais com muitas pessoas, já que sua mãe fazia tudo por ela. Essa relação de dependência, estabelecida com a mãe, pode ter dificultado, ainda, a aquisição de um repertório de comunicação, mesmo trivial, importante para estabelecer e/ou manter uma conversação em diferentes contextos de interação. A escola, também intitulada como um ambiente promissor para a modelagem de diferentes classes de comportamentos sociais, possivelmente se constituía em um ambiente aversivo para a participante, pelo menos em sua infância, quando não apresentava bom desempenho escolar e tinha pouquíssimos amigos.

* **Habilidades Sociais de Civilidade:** com relação a essa classe de habilidades, P1 apresentou dificuldades para apresentar-se e cumprimentar as pessoas. Esses comportamentos se fazem necessários em situações na qual o indivíduo se encontra no meio de pessoas estranhas, ou deseja conhecer alguém em especial. A participante em questão, quando exposta as situações similares, parecia emitir comportamentos de fuga/esquiva como ficar em um canto quieta, tentando se esconder

de todos. Além desses comportamentos operantes, eram observadas respostas emocionais encobertas como culpa, por não se manifestar e estar “*sumindo na multidão*” (sic).

Como P1 sentia dificuldade em interagir com pessoas estranhas, ela supostamente se esquivava de prováveis situações aversivas em contextos sociais, como o contato com pessoas desconhecidas ou a exposição de sua opinião diante de um grupo. A manutenção desse padrão comportamental parece ter como consequência a diminuição da probabilidade de se expor as diferentes contingências sociais. Caso essa exposição ocorresse, aumentaria a probabilidade de P1 entrar em contato com prováveis reforçadores positivos no processo de exposição social.

Para o levantamento de variáveis que possibilitaram a aprendizagem de comportamentos de fuga/esquiva, possivelmente deve-se remeter aos dados da história de vida. Quando pequena, P1 ouvia sempre a mãe falar sobre a família do pai, e sobre como ela era controladora e exigente. A participante, inclusive, descreveu sentimentos de medo ao encontrar a família, medo de “*não fazer tudo certinho*” (sic). Pode-se hipotetizar que esse padrão comportamental de fuga/esquiva de situações sociais é mantido por reforçamento negativo, uma vez que diminuía a probabilidade de vivenciar fracasso ao se relacionar. Do mesmo modo, aparentemente, o “*fazer tudo certo*” (sic) e outros comportamentos dessa natureza eram seguidos por reforçamento positivo em seu contexto familiar, já que recebia elogios e aprovação por emitir comportamentos com topografias similares.

* Habilidades Sociais Assertivas: observaram-se, também, dificuldades de manifestar opinião/discordar, fazer e recusar pedidos, expressar raiva e solicitar mudança de comportamento. Essas classes de comportamentos, inclusive, foram aqueles que demonstraram ocorrer com baixíssima frequência nos ambientes de interação. P1 vivenciava dificuldade em dizer não a situações nas quais ela não queria ou não podia fazer o que lhe era

requisitado, ou nas quais ela estava descontente com algo. Nessas ocasiões, a participante normalmente não discordava de nada e aceitava fazer tudo o que lhe era pedido pelas pessoas. Eram observadas, também, diversas respostas emocionais, produtos colaterais de contingências aversivas, como raiva, culpa e sentimento de falsidade, já que ela não se comportava do jeito como realmente gostaria. Esse padrão comportamental de passividade apresentado por P1, provavelmente era mantido ora por reforçamento positivo, já que em sua família ela recebia elogios ao emitir comportamentos dessa natureza, ora por reforçamento negativo, já que comportando de tal modo ela evitava consequências aversivas, como, por exemplo, a provável punição social por expressar sua opinião.

* Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos: essa classe de habilidades inclui comportamentos como fazer amizades, demonstrações de carinho, entre outros, que é extremamente relevante para o estabelecimento e manutenção de interações de proximidades entre as pessoas, permitindo, assim, a obtenção de reforçadores positivos. Quando a exposição aos contextos de interação requeria a emissão dessas classes de comportamentos, P1 normalmente esquivava-se, e ficava isolada e quieta. A análise da história de vida de P1 subsidia a hipótese de que esses comportamentos foram aprendidos devidos, entre outros fatores, à falta de modelo de expressividade emocional em sua família. Ela mesma caracterizava o pai como “*sério e tímido*” (sic) e descreveu que a mãe, ao invés de ouvi-la e elogiá-la, punia os comportamentos da participante, lamentando o seu papel de mãe. Assim, o contexto familiar da participante provavelmente não proporcionava o arranjo de contingências para que P1 aprendesse a expressar sentimentos positivos.

De um modo geral, pode-se dizer que as variáveis responsáveis pela aprendizagem das dificuldades interpessoais de P1 envolveram, principalmente, história de punição de comportamentos assertivos e de expressão de sentimentos, ambiente familiar

empobrecido para a modelagem e modelação de comportamentos sociais e privação de contatos sociais ao longo de sua história de vida. Quanto às variáveis mantenedoras dessas dificuldades, salienta-se o reforço positivo de comportamentos de passividade, além de reforçamento negativo (emissão de comportamentos de fuga/esquiva de possíveis punições sociais advindas de exposição social).

Participante 2 (P2)

Queixas iniciais

Trata-se de um cliente de 22 anos, do sexo masculino. Mora com os pais e um irmão e cursa a segunda faculdade e, concomitantemente, faz uma pós-graduação.

O participante apresentou como queixa o fato de ficar muito nervoso ao interagir com sua mãe. Relatou que se sobrecarregava bastante com atividades do trabalho e estudos e não tinha paciência com a mãe. Segundo o relato verbal do participante, a irritação com a mãe acontecia “95% das vezes” (sic) que conversava com ela, pois às vezes queria ficar “*quieto no seu canto*” (sic) e ela sempre queria saber mais deles e ficava insistindo bastante. Nessas ocasiões, P2 procurava ignorar as conversas da mãe ou a tratava mal. Essa irritação também ocorria na interação como o irmão, que era muito irresponsável.

P2 relatou também que não tinha problemas de relacionamento interpessoal em nenhuma outra área de sua vida, somente no núcleo familiar e alguns casos isolados com amigos muito próximos.

Aspectos relevantes do histórico de vida

Com relação aos principais dados da história de vida, salienta-se que P2 é o primogênito da família, e freqüentou a escola desde os dois anos de idade. Em sua infância, sempre brincou com jogos

educativos. Relatou que os pais o incentivavam e o ajudavam no que precisasse. Por volta dos 10 anos, seu pai sofreu uma série de infortúnios profissionais e financeiros, indo à falência duas vezes, o que rebaixou consideravelmente o padrão de vida familiar. Durante essa crise financeira, segundo o relato de P2, as brigas na família aumentaram bastante. Disse que nesse período, sentia que os pais davam mais atenção ao irmão mais novo, que era “*loirinho do olho azul, todo bonitinho*” (sic).

No âmbito acadêmico, P2 é formado em um curso superior, fez dois anos de outro curso e agora cursa um terceiro, mas ainda pensa em terminar o segundo curso. A mãe é professora, e sempre exigiu bom desempenho dos filhos, principalmente em relação aos estudos: Durante a época de vestibular, o participante contou que sentiu muito pressionado e cobrado pela mãe. Esta, também, o pressionava para que ele passasse em um concurso público, para que tivesse estabilidade financeira.

Há pouco tempo foi morar em um quarto separado da casa. Sentiu-se bastante livre e independente com essa atitude, juntamente com a diminuição da pressão sobre sua carreira. Atualmente, sofreu uma grande decepção amorosa, quando sua namorada de dois anos foi para o Japão e se casou com outro rapaz.

Levantamento de dificuldades interpessoais e análise funcional

Após análise dos dados obtidos nas entrevistas, na avaliação do repertório de habilidades sociais por meio do *IHS Del Prette* e da observação direta em sessão, pode-se hipotetizar que P2 apresentava dificuldades interpessoais principalmente em classes de habilidades sociais assertivas, empáticas e de expressão de sentimentos positivos.

Os dados da avaliação do Inventário de habilidades sociais do respectivo participante podem ser observados na Tabela 2:

Tabela 2. Percentis e classificação do repertório interpessoal apresentado por P2, na avaliação do *IHS – Del Prette, 2001*, distribuídos de acordo com o repertório geral e os escores fatoriais.

Repertório Geral e Escores Fatoriais	Percentil	Classificação
Repertório geral	85	Muito elaborado
F1: Enfrentamento com risco	80	Muito elaborado
F2: Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo	65	Bom
F3: Conversação e desenvoltura social	85	Muito elaborado
F4: Auto-exposição a desconhecidos e situações novas	95	Muito elaborado
F5: Autocontrole da agressividade em situações aversivas	45	Deficitário

P2 foi o único participante que obteve um escore bastante alto em todas as classes de habilidades sociais avaliadas pelo inventário, como pode ser notado nos dados da Tabela 2. Ele apresentou percentil acima de 80 nas classes que abrangeram enfrentamento com risco, desenvoltura social e auto-exposição a desconhecidos e a situações novas, demonstrando, assim, repertório bastante elaborado nessas áreas. Pode-se notar, no entanto, um resultado um pouco mais baixo (percentil 65) no fator 2, relacionado à expressividade de sentimentos positivos (repertório bom), assim como no fator 5, que envolve repertório de autocontrole de agressividade em situações aversivas (percentil 45- repertório deficitário). Os resultados apresentados por esses dois escores mais rebaixados parecem ilustrar os dados de observação direta e de relato verbal com relação às dificuldades interpessoais apresentadas por P2.

* Habilidades Sociais Assertivas: as dificuldades interpessoais que P2 apresentava nessa área ocorriam com maior frequência na interação com seus familiares, principalmente com sua mãe e seu irmão. Assim, elas podiam ser observadas quando sua mãe lhe perguntava constantemente de sua vida e ele não estava disposto a conversar; ou quando sua mãe batia na porta do seu quarto e não falava nada, *“esperando que eu parasse o que estava fazendo pra atender ela”* (sic); ou mesmo quando seu irmão tinha alguma atitude irresponsável. P2 também apresentava uma acentuada dificuldade em aceitar críticas, em expressar sentimentos – positivos e negativos (principalmente raiva), e para solicitar mudança de comportamento.

*No que diz respeito às Habilidades Sociais Empáticas, observou-se que o participante emitia vários comportamentos de hostilidade, apresentando extrema dificuldade de compreender sentimentos e opiniões alheias. Por exemplo, quando a mãe o procurava para conversar, P2 normalmente emitia comportamentos como: deixava a mãe falando sozinha, outras vezes gritava com ela, entre outros. Além da emissão de comportamentos operantes, vivenciava várias respostas emocionais de nervosismo e irritação. Desse modo, observou-se que P2 apresentava dificuldades de autocontrole de respostas emocionais sob o controle de contingências aversivas.

Um aspecto promissor do histórico de vida do participante que deve ser levado em consideração, é que seu contexto familiar, principalmente a interação estabelecida com a mãe, que era professora, contribuiu para a modelagem de comportamentos de dedicação aos estudos, compatível com excelente desempenho acadêmico. Em contrapartida, observaram-se poucas condições ambientais para a modelagem e modelação de comportamentos de empatia e de expressividade emocionais o que, por sua vez, prejudicou a aprendizagem de comportamentos dessa natureza.

As dificuldades interpessoais apresentadas por P2 provavelmente eram mantidas por reforçamento negativo, já que se comportando de modo hostil e pouco empático (comportamentos de fuga/esquiva), evitava a oposição dos outros e eliminava incômodos de prováveis respostas emocionais, como por exemplo, raiva e descontentamento.

Também é possível hipotetizar que os respectivos comportamentos eram mantidos por reforçamento positivo, uma vez que P2 era valorizado pelas pessoas (recebia status e atenção), pelo fato de apresentar ótimas habilidades de comunicação, desenvoltura social e por defender suas opiniões.

Participante 3 (P3)

Queixas iniciais

A participante em questão é do sexo feminino e tem 19 anos. Ela cursa o segundo ano da faculdade e mora com a mãe.

Suas queixas iniciais envolviam dificuldade de falar em público e de dizer o que pensava em algumas situações, “*estourando*” (sic) posteriormente quando ficava muito nervosa. Segundo P3, apresentava as referidas dificuldades principalmente no contexto acadêmico, quando, por exemplo, era requisitada a apresentar um seminário, ou falar com uma pessoa de autoridade. Geralmente, fazia sozinha uma atividade acadêmica, não conseguindo dizer não e pedir maior colaboração das pessoas do grupo. Posteriormente, acabava sendo “*grossa*” (sic) com as pessoas envolvidas e arrependia-se pensando que poderia ter se expressado de uma maneira mais calma.

Relatou, também, sentir-se nervosa durante qualquer situação de exposição social e vivenciar níveis exacerbados de ansiedade.

Aspectos relevantes do histórico de vida

A participante era filha única e morava somente com a mãe. Narrou lembranças de uma foto que tirou na escola quando criança, a qual a mãe não

gostou, pois preferia que a filha usasse outra cor de vestido e a fizeram tirar várias outras fotos. Desde então, a cliente disse odiar tirar fotos.

Disse também ter se sentido péssima com a obrigação de parecer tão delicada quanto às outras meninas, e que os outros pareciam não se importar com isso. P3 falou, ainda, da época em que participou do coral da igreja, em que disse gostar de cantar, e que percebia que os outros ficavam satisfeitos por ela se “*encaixar nos padrões de normalidade*” (sic), já que se comportava da maneira que os outros esperavam que ela o fizesse.

Nos últimos anos, a participante afirmou ter modificado totalmente seus gostos musicais, preferindo músicas mais “*pesadas*” (sic). Disse, inclusive, que sua mãe também gosta e a apóia nisso. Ela afirmou, também, que as pessoas acham que ela é “*agressiva*” (sic), por causa do tipo de música que escuta, mas que, ao contrário, ela busca essas músicas pelo fato de representarem como ela se sente.

Levantamento de dificuldades interpessoais e análise funcional

Após análise dos dados de entrevista clínica, observação direta e dos resultados do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), pôde-se notar que P3 apresentava dificuldades interpessoais nas seguintes áreas: Habilidades Sociais de Comunicação; Habilidades Sociais Assertivas e Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos.

A Tabela 3 ilustra os resultados apresentados por P3 na Avaliação do Inventário de Habilidades Sociais.

Tabela 3. Percentis e classificação do repertório interpessoal apresentado por P3, na avaliação do IHS – Del Prette, 2001, distribuídos de acordo com o repertório geral e os escores fatoriais.

Repertório Geral e Escores Fatoriais	Percentil	Classificação
Repertório geral	1	Muito Deficitário
F1: Enfrentamento com risco	3	Muito Deficitário
F2: Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo	1	Muito Deficitário
F3: Conversação e desenvoltura social	55	Bom
F4: Auto-exposição a desconhecidos e situações novas	15	Muito Deficitário
F5: Autocontrole da agressividade em situações aversivas	45	Deficitário

A respectiva participante, como pode ser visto na Tabela 3, apresentou um escore baixo em praticamente todos os fatores avaliados pelo IHS. Observa-se, principalmente, um déficit nas áreas de enfrentamento com risco, auto-afirmação na expressão de sentimento positivo e auto-exposição a desconhecidos e a situações novas (percentis 3, 1 e 15, respectivamente). Salienta-se que as queixas iniciais relatadas pela cliente nas entrevistas clínicas enquadram-se nessas classes de habilidades sociais. Com relação ao escore total de P3 (percentil 1), observou-se que a participante apresenta um repertório social muito deficitário, conforme os dados da Tabela 3.

* Habilidades Sociais de Comunicação: essas habilidades envolvem subclasses de comportamentos como encerrar conversação ao telefone, manter conversação, apresentar-se, fazer e responder perguntas, coordenar grupos e falar em público. P3, em situações nas quais essas habilidades eram exigidas, normalmente agia passivamente. Por exemplo, nas conversas pelo telefone mesmo incomodada e constrangida, ela permanecia em silêncio até a outra pessoa perceber e encerrar a conversa; quando tinha dúvidas em sala de aula, preferia estudar sozinha em casa ao perguntar algo para o professor; quando queria conhecer alguém, sentia “*medo de falar alguma bobagem*” (sic) e agia de forma passiva, fazendo as atividades escolares sozinha. Contudo, posteriormente ficava irritada, “*estourando*” (sic) com os colegas.

Conforme as exemplificações, nota-se que a participante se comportava de modo passivo.

Seja esquivando-se de falar algo que podia ser considerado “bobagem” por alguma outra pessoa, principalmente se tratando de uma figura de autoridade, ou se esquivando de fazer pedidos para solicitar ajuda das pessoas. De maneira geral, esses comportamentos de passividade eram mantidos por reforçamento negativo – esquivar de uma possível consequência aversiva advinda de situações de exposição social (por exemplo, evitava ser humilhada, receber críticas, obter rejeição), visto que P3 parecia apresentar repertório empobrecido de enfrentamento de situações aversivas.

* Habilidades Sociais Assertivas: as dificuldades apresentadas por P3 nessa área envolviam dificuldades de recusar pedidos, manifestar opinião/discordar, expressar raiva e pedir mudança de comportamento e interagir com pessoas de autoridade. Essas dificuldades eram observadas em várias situações interpessoais, quando, por exemplo, algum colega lhe fazia um pedido que não queria aceitar; quando algum colega não cumpria o seu dever no grupo ou quando tinha que falar com alguma figura de autoridade, principalmente professores e pessoas bastante graduadas.

Nas situações interpessoais descritas anteriormente, P3 também emitia comportamentos de passividade, concordando em fazer algo que não queria, não cobrando colaboração dos colegas em atividades acadêmicas e esquivando-se por interagir com qualquer figura de autoridade.

É importante nos remetermos à história de vida de P3 para o levantamento de variáveis antecedentes

históricas as quais contribuíram para a aprendizagem das dificuldades interpessoais apresentadas por ela. Sua mãe, desde quando a participante era criança, aparentemente só reforçava positivamente comportamentos que eram compatíveis ao que ela queria que sua filha fizesse. Ela, provavelmente, também fazia extinção e/ou punia comportamentos de enfrentamento emitidos por P3. Assim, teria ocorrido uma modelagem de inassertividade, já que comportamentos assertivos – ter opinião diferente da de sua mãe, por exemplo – não eram consequenciados positivamente. Desse modo, ressalta-se que o contexto familiar da participante parece ter se configurado em um ambiente pouco promissor para a aprendizagem de comportamentos assertivos.

Com relação à análise das contingências atuais, esse padrão comportamental seria mantido por reforçamento negativo e positivo. A participante se esquivava de manifestar sua opinião, o que caracteriza o reforçamento negativo – remoção da provável punição advinda da exposição. Ao mesmo tempo em que evitava expor sua opinião, também obtinha méritos sendo elogiada pelas pessoas (reforçamento positivo).

Quando, eventualmente, ela se expunha as situações interpessoais, comportava-se de modo hostil, removendo uma provável oposição dos colegas. A punição dos colegas pela sua reação agressiva, somada ao produto colateral (por exemplo, sentimento de culpa por ter “estourado”) manteriam o padrão passivo da participante, já que ela voltaria a se esquivar da manifestação de sua opinião.

* Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos: indivíduos com dificuldades relacionadas a essas habilidades, como a cliente em questão, sentem dificuldade em expressar carinho e afeto. No respectivo caso, a própria P3 percebia isso principalmente em sua interação com a mãe. Ela disse que a mãe sempre a tratava com carinho, mas que ela não conseguia retribuir.

Não retribuindo às demonstrações de carinho da mãe, a participante vivenciava respostas emocionais de culpa, e comportamentos verbais encobertos – pensamentos de que a mãe iria achar que ela não gostava dela. Pode-se observar, na história de vida da cliente, que a mãe tinha um padrão comportamental controlador, mas que também, em algumas ocasiões, era carinhosa com a filha. Desse modo, essa incongruência – ora era carinhosa, ora controladora (arranjo de contingências aversivas) – parece ter dificultado a aprendizagem de comportamentos compatíveis com expressão de sentimentos positivos. Então, salienta-se que, provavelmente, a história de vida de P3 foi permeada por reforçamento diferencial para comportamentos específicos de passividade, por exemplo, aqueles que agradavam a mãe, em detrimento de extinção/punição de comportamentos de assertividade.

Quanto às variáveis mantenedoras do padrão comportamental de P3, observou-se a ocorrência de reforçamento negativo, já que ela se esquivava de possíveis punições sociais, além de reforçamento positivo advindo, principalmente, advindos da interação com a mãe.

Participante 4 (P4)

Queixas iniciais

O participante em questão é do sexo masculino, tem 22 anos e cursa o último ano da faculdade. Ele mora sozinho desde que saiu de casa para estudar.

P4 apresentou como queixa inicial ser disperso demais, estar sempre distraído, ter dificuldade de concentração e estar sempre ansioso por causa disso. Ele relatou que isso era bastante freqüente, inclusive quando estava falando com as pessoas, já que sempre se distraía e esquecia o que estava falando antes de terminar a frase. Segundo o próprio relato verbal do participante, essas dificuldades prejudicavam o relacionamento com as pessoas.

O participante relatou estar sempre com a sensação de ter algo para fazer e que isso o “*persegue*” (sic) na maioria das coisas que esteja fazendo. Ele também disse ficava constantemente aflito com essa condição e ansioso durante a ocorrência do período de dispersão. Sentia raiva dessa condição, já que sabia que precisava se concentrar especialmente em seus estudos.

Aspectos relevantes do histórico de vida

P4 cresceu com ambos os pais e os irmãos. Na infância chorava muito, principalmente querendo ir à escola, pois “*via um monte de criancinhas lá dentro, se divertindo*” (sic). Brincava bastante na rua, tinha algumas brigas na escola e constantes brigas com o irmão mais velho. Frequentava bastante a casa de amigos. Narrou um período, que data desde seus 12 anos e que persiste, em menor intensidade, até hoje, no qual tinha hipocondria. Achava que tinha câncer no cérebro e que ia ficar cego. Inclusive fazia planos sobre como iria conviver com a doença; fez alguns exames, mas seus pais não deram muita importância ao assunto, até que ele foi deixando isso de lado.

Mudou de cidade duas vezes, dizendo que se sentia triste e sozinho quando isso ocorria. Dos 15 aos 20 anos, narrou que conheceu o álcool, começou a beber e se tornou bastante irresponsável. Sentia-se um inútil. Sua família o cobrava por ser mais responsável. A partir dos 20 anos, tornou-se mais

responsável e começou a fazer reflexões sobre sua vida as quais chamou de “*auto-análise*” (sic).

O ambiente familiar de P4 nunca foi muito afetivo, pois seus pais eram poucos carinhosos. O participante caracterizou o pai como “*instável*” (sic), já que normalmente não cumpria com seus compromissos. Sua mãe, ao mesmo tempo em que era bastante preocupada, dava poucas demonstrações de carinho.

Narrou sentimentos de insegurança, ansiedade, expectativa, saudades dos tempos em que não tinha tantas responsabilidades e uma tendência ao isolamento, preferindo ficar sozinho. Justificou-se dizendo que acredita que evitando entrar em contato com estímulos diferentes, tornaria menos freqüente sua distração.

Levantamento de dificuldades interpessoais e análise funcional

Após análise dos dados obtidos pelas entrevistas, observação direta e pela aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), pôde-se perceber que P4 apresentava dificuldades principalmente em habilidades sociais de comunicação e também em habilidades sociais de expressão de sentimentos positivos.

Os resultados apresentados por P4 na Avaliação do Inventário de Habilidades Sociais estão demonstrados na Tabela 4.

Tabela 4. Percentis e classificação do repertório interpessoal apresentado por P4, na avaliação do IHS – *Del Prette, 2001*, distribuídos de acordo com o repertório geral e os escores fatoriais.

Repertório Geral e Escores Fatoriais	Percentil	Classificação
Repertório geral	20	Muito Deficitário
F1: Enfrentamento com risco	25	Deficitário
F2: Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo	20	Muito Deficitário
F3: Conversação e desenvoltura social	40	Deficitário
F4: Auto-exposição a desconhecidos e situações novas	55	Bom
F5: Autocontrole da agressividade em situações aversivas	70	Bom

Conforme os dados apresentados na Tabela 4, pode-se notar que P4 apresentou uma pontuação baixa principalmente nos fatores relacionados a conversação e desenvoltura social (percentil 40) e enfrentamento com risco (percentil 25), e autoafirmação na expressão de sentimento positivo (percentil 20). Nos fatores que avaliaram a autoexposição a desconhecidos e autocontrole da agressividade, o participante apresentou bom resultado (percentis 55 e 70, respectivamente). Porém, o escore total de P4 foi bastante baixo (percentil 20) e classificado como Muito Deficitário. Foram encontradas dificuldades nas seguintes habilidades:

*Habilidades Sociais de Comunicação: as dificuldades de comunicação apresentadas pelo participante ocorriam, principalmente, em situações nas quais era necessário que ele se expressasse verbalmente de modo claro; ao iniciar conversações com pessoas desconhecidas ou em situações nas quais ele poderia se apresentar a alguém que tivesse o interesse de conhecer. Em ocasiões nas quais essas classes de habilidades eram necessárias, P4 emitia vários comportamentos verbais encobertos (procurava desviar o pensamento da situação, por exemplo) e, também, vivenciava respostas respondentes condicionadas de ansiedade, como músculos tensos. Relatou que se perdia na conversa e não conseguia explicar seu ponto de vista; conseqüentemente, as pessoas não entendiam o que ele queria dizer. Assim, ao deparar-se com pessoas desconhecidas, P4 ficava isolado e não se relacionava com estranhos; também achava que ao se expor, acabaria afastando as pessoas.

*Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos: as dificuldades de P4 relacionadas a essa classe de habilidade eram percebidas quando ele se sentia feliz em meio a seus amigos, ou quando interagiu com alguém com quem estava saindo. Em situações dessa natureza, o cliente normalmente

mantinha uma distância das pessoas que ele julgava positiva, afirmando que assim ele “*mantinha o mistério*”. Notaram-se, também, comportamentos de fuga/esquiva do participante ao manter distância das pessoas. Para entender melhor, é importante olhar para a história de vida do participante. Seu ambiente familiar, aparentemente, não era muito afetivo. Desse modo, P4 não teria tido modelo de expressão de afeto por parte da família, seu primeiro núcleo de contato social. Pode-se perceber, no entanto, que esse ambiente familiar dificilmente teria arranjado contingências para que ele emitisse comportamentos de expressividade de emoções positivas. Em contrapartida, levanta-se a hipótese que o participante não tenha experienciado outros contextos sociais promissores para a aprendizagem dos referidos comportamentos.

De modo geral, salienta-se que as variáveis responsáveis pela aprendizagem das dificuldades interpessoais de P4 remetem à sua história de vida pobre e com poucos arranjos de contingências que possibilitassem a modelagem de comportamentos pró-sociais. Já em relação aos mantenedores desse padrão, notou-se a ocorrência de reforçamento negativo.

Dificuldades interpessoais e descrição de variáveis antecedentes e conseqüentes: semelhanças e diferenças entre os participantes

Será feita uma descrição das principais dificuldades interpessoais, das variáveis antecedentes e conseqüentes, bem como das prováveis semelhanças e diferenças observadas entre os participantes. Também será apresentada a visualização dos percentis obtidos pelos participantes em todas as classes de habilidades sociais (escores fatoriais) avaliadas pelo Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Para isso, elaborou-se a Figura 1.

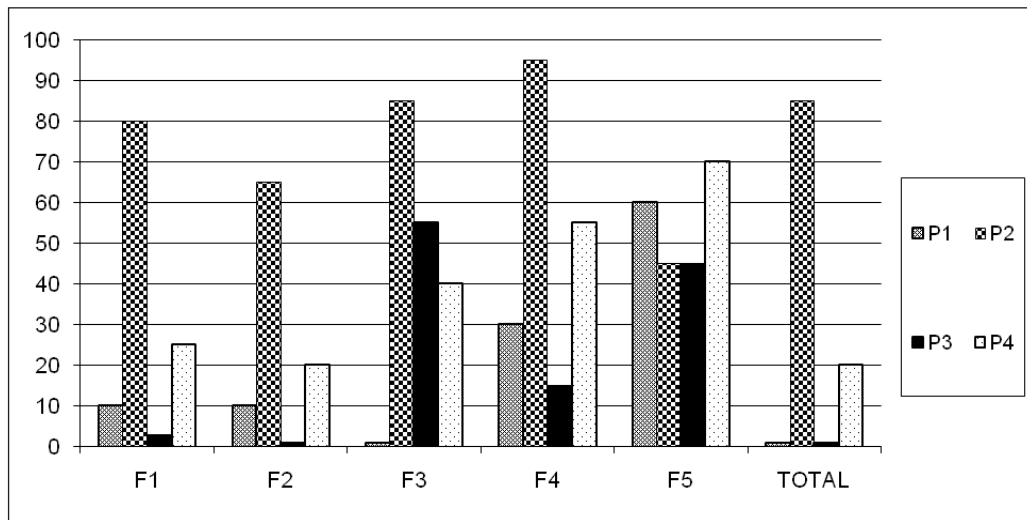


Figura 1. Percentil obtido pelos participantes nos escores fatoriais do IHS.

O primeiro fator – Enfrentamento com Risco – mostrou-se consideravelmente baixo em P1 (percentil 10 – Repertório Muito Deficitário); já em P2, o mesmo apresentou-se bastante alto (percentil 80), sendo considerado Muito Elaborado. Novamente, em P3, notou-se um escore baixo, dessa vez ainda mais reduzida (percentil 3 – Muito Deficitário); em P4, foi observado também um escore baixo, de percentil 25, classificado como Deficitário. Em relação ao segundo fator, Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo, foi notado praticamente o mesmo padrão, com P1, P3 e P4 apresentando escores bastante baixos (10, 1 e 20, respectivamente), classificados como Muito Deficitários, e P2 apresentando um resultado considerado Bom – percentil 65.

Já no que diz respeito ao fator 3, que avaliou Habilidades de Conversação e Desenvoltura Social, P1 apresentou baixa considerável em seu escore – percentil menor que 1, Muito Deficitário-, enquanto P2 manteve seu alto padrão, apresentando escore considerado Muito Elaborado, de percentil 85. Já nos resultados de P3, pôde-se observar uma considerável ascensão, já que esta apresentou escore classificado como Bom, de percentil 55. P4, por sua vez, também apresentou resultado maior, ainda que considerado Deficitário – percentil 40.

No quarto fator – Auto-exposição a Desconhecidos e Situações Novas –, pode ser observado que P1, assim como P2 e P4, apresentaram os mais altos escores em todo o inventário (30, 95 e 55, respectivamente), classificados como Deficitário/Bom/Muito Elaborado.

Nos resultados do quinto fator, Autocontrole da Agressividade, foi notada uma equivalência maior entre os participantes. P1 apresentou seu maior escore, classificado como Bom – percentil 60 – assim como P4, que apresentou o maior escore no fator – percentil 70, classificado como Bom. Já P2 apresentou os mesmos resultados de P3: percentil 45, considerado Deficitário. Os resultados totais indicam que tanto P1 quanto P3 apresentam repertório Muito Deficitário de habilidades sociais, ambas com percentis 1, enquanto P2 apresentou repertório considerado Muito Elaborado, com percentil 85. Já P4 também apresentou resultados classificados como Muito Deficitários – percentil 20.

De acordo com os dados da Figura 1, verifica-se que os participantes apresentaram escores rebaixados principalmente nos dois primeiros fatores, que representam Enfrentamento com Risco e Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo.

O Fator 3 (Conversação e Desenvoltura Social) também demonstrou resultados relativamente baixos em alguns dos participantes. P2 foi o participante que mais apresentou diferenças nos resultados em relação aos outros, apresentando escores bastante elevados na maioria dos fatores, mas igualando-se aos demais participantes no fator 5.

De modo geral, pôde ser observado que os participantes apresentaram resultados que indicam maiores dificuldades em classes de Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos e em Habilidades de Comunicação. Porém, esses resultados variaram bastante entre os participantes, que não apresentaram escores uniformes.

Pôde-se notar, também, que dois dos participantes – P1 e P4 apresentaram perfis que, segundo Vila, Silveira e Gongora (2003), são considerados característicos do padrão de comportamento passivo, já que foi observada nas sessões a ocorrência de comportamentos como aceder, elogiar e concordar, entre outros. Do mesmo modo, percebeu-se, também, que os outros dois participantes – P2 e P3 – apresentaram características do padrão hostil, já que a emissão de classes de comportamentos de impor opiniões com frequência, reações agressivas e pouca empatia ocorriam em diferentes contextos, inclusive nas sessões.

Considerações finais

Após análise funcional, por meio dos dados do inventário de habilidades sociais, das entrevistas clínicas e da observação direta, verificou-se que todos os participantes apresentaram déficits em Habilidades Sociais de Expressão de Sentimentos Positivos e três deles em Habilidades Sociais de Comunicação. Além do mais, notou-se a emissão de outras classes de comportamentos, considerados inadequados, exclusivos de cada participante. Esses dados vão de encontro à literatura da área que afirma que as dificuldades interpessoais ocasionam vários conflitos nas interações sociais. Por isso, um repertório interpessoal refinado é de grande valia

para a manutenção de relacionamentos duradouros e salutares, tanto no meio universitário, quanto para a inserção e sucesso no mercado de trabalho (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003; DEL PRETTE et. al., 2004).

Pôde-se notar que as principais variáveis históricas que influenciaram a aprendizagem dos padrões interpessoais dos participantes dessa pesquisa estavam relacionadas à punição/extinção de comportamentos assertivos, assim como a ocorrência de contextos pobres para a modelagem e modelação de comportamentos sociais apropriados, ou seja, contextos familiares e sociais pouco promissores para a aprendizagem de comportamentos que possibilitassem enfrentamento de situações aversivas.

Em relação às variáveis responsáveis pela manutenção das dificuldades interpessoais, observou-se, de maneira bastante acentuada, a ocorrência de reforçamento negativo, ou seja, a emissão de comportamentos de fuga/esquiva de possíveis situações aversivas advindas de exposição social. A ocorrência de reforçamento negativo constituiu-se no principal princípio de aprendizagem envolvido na manutenção das dificuldades interpessoais apresentadas pelos participantes. Esses resultados também vão de encontro aos dados apresentados por Vila, Silveira e Gongora (2003), já que haviam observado, em participantes com dificuldades de relacionamento social, uma história de vida permeada por punição e/ou extinção de classes de respostas de engajamento em interações sociais. Essas variáveis históricas parecem colaborar fortemente para aumentar a probabilidade de comportamentos de fuga/esquiva.

Um aspecto que chamou a atenção é que os padrões comportamentais ditos inadequados socialmente não mantidos somente por reforçamento negativo/ou punição. Também foi notada a obtenção de reforço positivo – tanto no padrão hostil como no passivo – como importante mantenedor, uma vez que os contextos familiares e/ou sociais dos

referidos participantes dessa pesquisa também pareciam valorizar a emissão de certas classes de comportamentos tanto hostis (valorizando, por exemplo, comportamentos de defender as opiniões, desmerecendo a opinião alheia) como comportamentos de passividade (atribuindo méritos quando um participante acedia e/ou concordava com as pessoas).

O presente estudo constituiu uma tentativa modesta de se utilizar da análise funcional para o levantamento dos principais contextos de aprendizagem que contribuíram para a modelagem e manutenção das dificuldades interpessoais de quatro universitários. Considera-se essencial que outras pesquisas dessa natureza sejam executadas, como por exemplo, com uma amostra maior de universitários, para que sejam obtidos resultados mais consistentes.

Referências

CATANIA, A. C. *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 8, n. 3, p. 413-420, 2003.

_____. *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. *Inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette): manual de aplicação e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001b.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; BARRETO, M. C. M.; BANDEIRA, M.; RIOS-SALDAÇA, M. R.; ULIAN, A. L. A. O.; GERK-CARNEIRO, E.; FALCONE, E. M. O.; VILLA, M. B. Habilidades sociais de estudantes de Psicologia: um estudo multicêntrico. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 341-350, 2004.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 8-18, 1999.

MEYER, S. B.; SILVARES, E. F. M. Análise funcional da fobia social em uma concepção behaviorista radical. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 149-180, 2000.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VANDENBERGHE, L. A prática e as implicações da análise funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jun. 2002.

VILA, E. M.; SILVEIRA, J. M.; GONGORA, M. A. N. Ensinando repertório alternativo para clientes que apresentam padrões comportamentais passivos e hostis. In: ALMEIDA, C. G. (Org.). *Intervenções em grupos: estratégias psicológicas para a melhoria da qualidade de vida*. Campinas: Papyrus, 2003. p. 59-81.

WANCHISEN, B. A. Forgetting the lessons of history. *Behavior Analyst*, Kalamazoo, v. 13, n.1. p. 31-37, 1990.

